Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, DR. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno II — N. 64 | DOMINGO, 4 DE AGOSTO | Numero: 300 réis

CHRONICA

Em dias da semana passada, sahindo do *Trovador* com o ar meio solemne meio prazenteiro de quem acaba de consummar um sacrificio que julgava superior ás suas forças, tive de ouvir a um camarada, aliás excellente, uma verdadeira philippica contra o absurdo de certas situações lyrico-dramaticas. E eu, menos prazenteiro e mais solemne a medida que me ia sentindo massado, respondia vagamente que sim, que era uma pouca vergonha, que em tudo isto havia grande falta de policia, que talvez com o parlamentarismo... mas, nesta altura, o meu homem filou-me o braço entre o torniquete do pollegar, indicador e medio e murmurou, cacarejando uma risada onde rodopiavam farandolas de desdens:

— Ora veja só você, em certas operas, amores eternos acabando entre sustenidos e bemoes, volutas e firmatas... duas pessoas que se amaram, que viveram juntos, que despiram e vestiram mutuamente as almas não sei quantas vezes, liquidarem a mais illiquida das situações moraes, a situação de Gaussin e da Fanny, por exemplo, com uma aria muito medidinha, muito a compasso... Você não acha indecoroso?!...

Sem querer, na inalteravel boa fé dos grandes falladores, o pobre diabo fizera-me um mal horrivel porque de um relance, com os nervos ainda afinados pelo diapasão da orchestra, revivi uma dessas horriveis scenas de separação em que fôra eu o protogonista e ella esse amor unico dos intellectuaes, aos vinte e cinco annos, quando ha sangue, talento e illusões; esse amor que não volta, que se não repete... ou que volta e se repete nas horas melancolicas como um *ritornello* saudoso.

E foi cantando que tudo se passou, em uma tarde esbrazeada de dezembro sem preparação, sem cabotinismos, na consciencia plena da fatalidade. Amava-me? Creio que sim. Amava-a eu? Loucamente. Porque romper então? Porque nas allianças entre espiritos sensivelmente eguaes, que se observam, que se analysam, que se penetram, são raras as situações equivocas. Morre-se, mas não se desce. Mimi, para enganar Rodolpho, abandona o primeiro e, quando volta, é para morrer alli, muito humilde, toda lavada de culpas pelo arrependimento.

Ambos eramos perdidos por musica. Ella tinha uma voz lindissima e entre os mil retalhos de Tosti, Denza, Faure e *tutti quanti* havia um que meigamente punha termo ás pequenas brigas caseiras. Não sei, se as leitoras da *Revista* o conhecem!.. Chama-se *Penseé d' Automne*, letra d' Armand Sylvestre, musica de Massenet. Uma joia litteraria, uma pagina musical de uma inspiração delicada e penetrante. Ouvi-a, por signal, ha cousa de um mez, barbaramente trucidada. Que sacrilegio!

Pois foi ella o *Requiem* da nossa via dolorosa. Sem me consultar, mas superiormente intelligente, conhecendo de memoria a minha alma de tanto havel-a folheado, abriu sobre a estante a pobre arieta, mediadora sempre bemfazeja dos nossos arrufos e os primeiros compassos lentos, de uma suavidade grave de caricia virginal, cahiram no silencio morno do salão.

L'An fuit vers déclin, comme un ruisseau qui passe
Emportant du couchant les fuyantes clartés ;
Et pareil à celui des oiseaux attristés,
Le vol des souvenirs s'alanguit dans l'espace.

Un peu d'âme erre encore aux calices défunts
Des lents volubilis et des roses trémières ;
Et vers le firmament des lointaines lumières,
Un rêve monte encore sur l'aile des parfums.

Nunca o encanto dessa voz me envolvera tão completamente. Apalpei as mãos. Estavam geladas. Todo o sangue refluira ao coração.

E agora, em um andamento mais rapido, em volutas já vibrantes e claras, dizia o poema:

Une chanson d'adieu sort des sources troublées ;
S'il vous plait, mon amour, reprenons le chemin
Où, tous deux, au printemps et la main dans la main,
Nous suivions le caprice odorant des allées.

Une chanson d'amour sort de mon cœur fervent
Qu'un Avril éternel a fleuri de jeunesse.
Que meurent les beaux jours! Que l'âpre hiver renaisse!...
Comme un hymne joyeux dans la plainte du vent.

Não poude continuar. Ambos choravamos, num desespero mudo, e foi já longe, muito longe, que rezei baixinho a ultima estrophe:

Une chanson d'amour vers ta beauté sacrée.
Femme, immortal été, femme immortel printemps!
Sœr de l'étoile en feu qui, par les cieux flottants,
Verse en toute saison sa lumière dorée.

Jacques Bonhomme.

QUADROS SYMBOLICOS, por Celso Herminio

A PESCA

AS MINHAS SAUDADES

Não tenho penas com que me alegre; não tenho maguas com que me contente; não tenho saudades com que me sinta dolorosamente feliz...

As ultimas illusões voaram-me do peito, como andorinhas, ao cahir do inverno dos desenganos; a lembrança dos gozos fruidos desappareceu-me entre os gelos do coração, frio pela indifferença por tudo quanto se extinguiu no crepusculo do passado, por tudo quanto tenha de flagellar-me na noite do futuro...

Sou uma creatura feita espectro, a vagar pelo castello arruinado dessa existencia sombria, lutuosa, extensa, negra, vasia de brilhos tremulos de estrellas e de sombras azuladas de luar...

Ah! se ao menos me fôra dado ter saudade das minhas saudades!...

Ah! se o coração me acordasse ainda ao calor dessas reminiscencias, tão gratas, da quietude da infancia e das esperanças da juventude feliz, tranquilla, bemfazeja, que me fizeram sonhar com a estrada flo-

rida do futuro, por onde eu fosse caminhando a pisar petalas de rosas...

Sou um morto em vida, insensivel a tudo... Sinto minha alma insondavel como o vacuo. A suavidade da dor das recordações pelas alegrias experimentadas não me commove mais como dantes, quando eu vivia a lembrar-me doutra existencia que se fôra, que se afastara para muito longe, nas curvas dos caminhos, antes trilhados por mim, peregrino do ideal, do amor, das illusões...

Dos dias que hão de vir não cuidaria, como não cuido. Certo serão de negror e de melancolia...

Quizera ao menos não me esquecer das minhas saudades. Olvidaria assim as agruras do presente, porque o coração ficaria amortecido pelo balsamo consolador da lembrança das venturas mortas...

Ah! se me fôra dado ao menos ter saudade das minhas saudades!...

Flavio Roberto.

QUESTÃO DO JOGO

— Pois é como lhe digo minha senhora; se o jogo é o melhor terreno onde tem de brotar a minha felicidade, confesso, continuarei a ser pobre como até o momento presente.

— E porque?

— Porque jamais hei de lançar em terra a semente de tão funesta planta.

— Eu, no seu caso, sempre tentava. Quem sabe se no jogo estão os elementos do seu bem estar!

— Agradeço o conselho, ha de permittir, porém, que eu o abandone. O jogo, minha senhora, é uma sepultura que o homem prepara em vida para nella enterrar o criterio das suas acções.

— Ora, nem tanto. O que custa fazer uma *fézinha* somente, com o intuito de distracção?

— Magnifica distracção, pois não!

— Verdade é que, ás vezes, somos tão caiporas...

— Pelo que vejo, v. ex. tem tentado melhorar de condições por meio do jogo.

— Tenho, confesso; mas unicamente com o jogo do bicho.

— Ah! com o chronico jogo do bicho. E... v. ex. tem matado o bicho?

— Isso mais de vagar.

— Bem comprehende a minha pergunta.

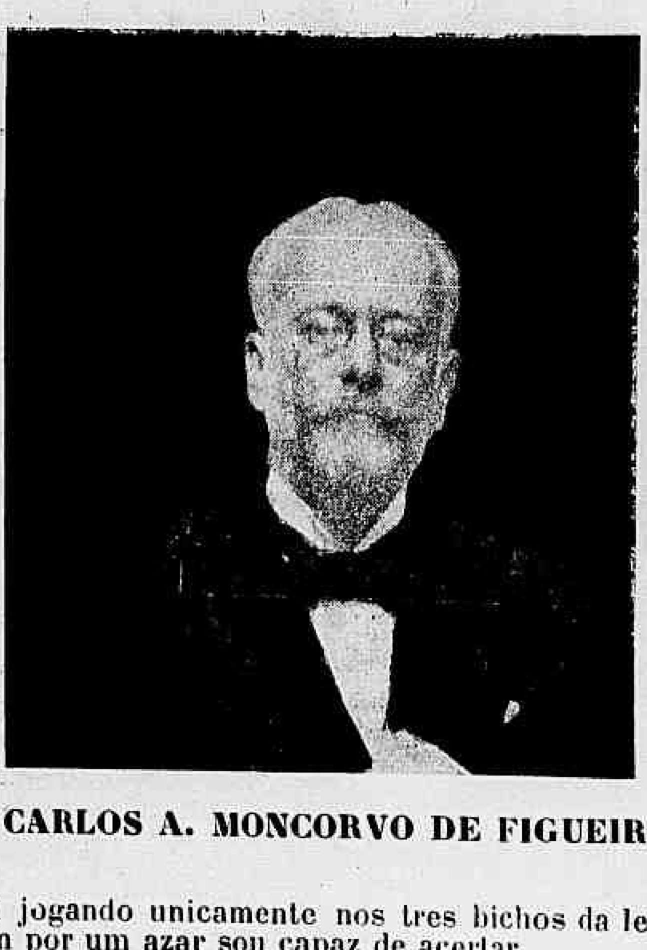
— Ás vezes dou o tiro pela certa, mas em outras...

— E continúa sempre a jogar?

— Por distracção ou, antes, para recuperar o perdido.

— E recupera?

— Qual! E quer saber? Ha mais de dous mezes que



DR. CARLOS A. MONCORVO DE FIGUEIREDO

estou jogando unicamente nos tres bichos da letra A e nem por um azar sou capaz de acertar.

— Nos tres bichos da letra A?

— E' verdade.

— Conforme já affirmei, nunca me atirei a jogo algum e menos ainda a esse de que v. ex. falla; supponho, entretanto, que dos vinte e cinco bichos da tabella só ha dous cujos nomes começam pela letra A e esses são o avestruz e a aguia.

— Pois enganou-se.

— E' possivel.

— O senhor esqueceu-se de um outro da letra A.

— Qual é?

— E' o aliphante.

— Tem toda a rasão. Eu me esqueci do *aliphante*.

Tataco.

OS THEATROS

COMECEMOS pela companhia lyrica que na semana passada se apresentou no theatro da rua Treze de Maio.

Traz um bom maestro, algumas figuras boas, umas

ISABEL A REDEMPTORA, Condessa d'Eu.

conhecidas nossas, outras não, e tambem um ou outro verbo de encher.

Agradou na *Bohême*, geralmente e desagradou, quasi por unanimidade, no *Trovador* e na *Aida*.

Tivemos no Recreio a estréa da companhia de zarzuela, dirigida pelo bem conceituado maestro Campos e da qual faz parte a distincta tiple sra. Delgado e o tenor Abad, de voz pequena, mas afinada.

Os demais artistas dão regularmente conta do seu recado.

A srta. Vidal, que se salienta pela sua formosura e elegancia, mostra bastante vocação para o theatro. Com muito menos, outras têm feito grande carreira.

Tanto a primeira representação da companhia lyrica como a de zarzuela, tiveram enchentes, sendo regulares as receitas dos espectaculos seguintes.

No Apollo representou-se na segunda-feira a *Grã Duqueza de Gerolstein*, em que se podem ver e ouvir Palmyra Bastos, Gomes e Corrêa, assim não succedendo com os outros artistas que desempenham a velha e famosa opereta de Meilhac, Halevy e Offenbach.

GENERAL REGO BARROS

A enscenação está cuidada e os côros fizeram boa figura.

Achamol-a pobre de vestuarios e adereços.

Já não pode ser levada a effeito a realização da empreza de Pepa e Cinira Polônio. Os collegas com que contavam para formar companhia, ha muito tempo desempregados, querem agora receber compensação, ou não desejam buscar meio de ganhar a vida, tolhendo os que chamam o seu concurso, de angariar tambem os proventos immdemnisadores da responsabilidade que se propõem tornar.

Dizem-nos ser boa a companhia de opereta franceza e corpo de baile que vem para o S. Pedro de Alcantara.

O repertorio, se fôr de verdade o annunciado, é bom, pois compõe-se de todas as operetas de Offenbach, Lecocq, Audrand, Hervé e outros maestrinos consagrados.

Veremos...

P.

DUAS VICTIMAS

(A LUIZ GAMA)

. . . .

PARTIRA o trem resfolegando aço, rapido, barulhento e ensurdecedor.

A madrugada, em uma magnificencia de aurora boreal, dourava as campinas, as choupanas e os cimos dos montes, dando á natureza o aspecto de uma apotheose de luxo.

Pela margem da estrada, aqui e acolá, divisava-se a gente do campo castigando a terra a golpes de enxada, cantarolando, sadia, musculosa e despreoccupada.

O gado, pouco por signal, pastava desordenadamente e ligava nenhuma importancia aos silvos nervosos da locomotiva.

De repente, ouviu-se um grito agudissimo e pungente que poz em sobresalto os passageiros.

A machina apanhára uma criança de seus oito annos, que, em companhia de sua mãe — uma camponia magra e velhusca — atravessava a linha, matando-a instantaneamente!

O machinista, um bom velho que era conhecido por *Seis e meio*, perito na sua profissão e dedicado ao trabalho, — bem vira aquellas duas creaturas a uns cem metros atravessar os trilhos, mas não contava que a criança voltasse para, em pleno leito da estrada, procurar algo que deixára cahir.

E foi assim que se deu o desastre sem que o *Seis e meio* tivesse tempo de evital-o.

COMMENDADOR LUIZ DE BIVAR
Retrato tirado em 1870.

A desventurada criança ao ser colhida pelo limpa trilhos da machina apenas gritou:

— Minha mãe! e o seu angelical corpinho ficára logo reduzido a uma massa negra e disforme, de carnes e ossos!

. . . .

E a locomotiva aos silvos, como gargalhadas sinistras, partiu de novo, resfolegando aço, rapida, barulhenta e ensurdecedora.

Quando o trem chegou ao ponto terminal — todos viram — *Seis e meio*, o velho machinista, chorava convulsamente escondendo o rosto com ambas as mãos.

Que lhe acontecêra?

E que elle era pae e sentira vibrar lutuosamente no intimo do coração aquella phrase que bem poucos sabem traduzir:

— Minha mãe!

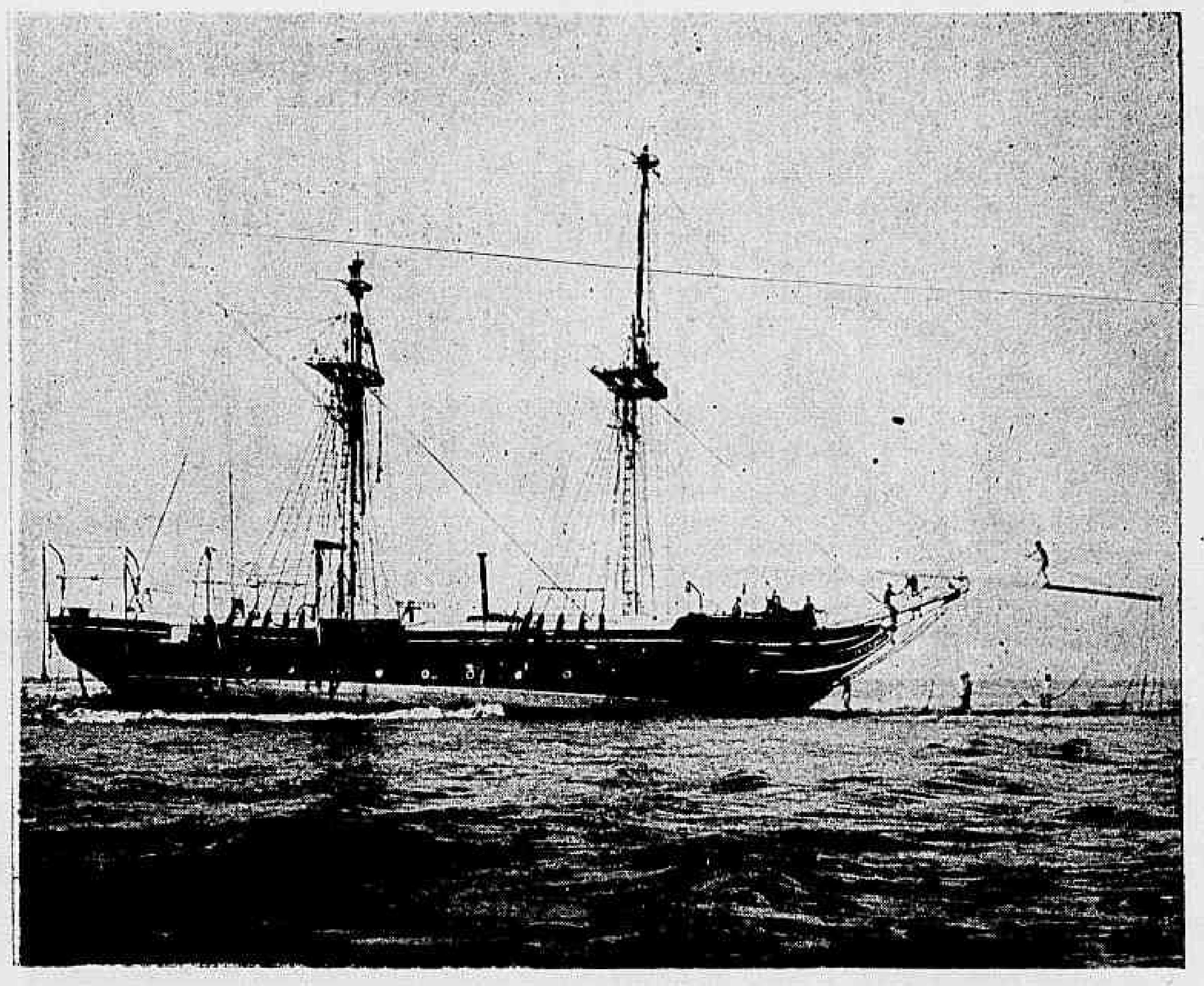
Tão grande foi o seu choque moral, que *Seis e meio* veiu a enlouquecer!

. . . .

. . . .

Leitor, amigo, quando passardes pelas bandas do

Os assistentes á missa de 1° anniversario da morte do Rei Humberto I, por occasião de sua sahida da egreja da Candelaria, no dia 29 de julho.



O brigue *Pirajá*, quatro dias depois de seu encalhe na barra de Aracajú.
(Phot. do amador Manuel Heitor).

hospicio, em noites enluaradas, prestae toda a vossa attenção e escutareis as exclamações cheias de dôr:
— Minha mãe! Minha mãe!
E' o velho machinista que ainda soffre...

Castor do Arvoredo.

VELHA HISTORIA *

QUANDO elle partiu e foi, mundo em fóra, em busca de louros e de glorias, nessas guerras terriveis aos inimigos das nobres raças, — a despedida foi triste, tristissima, alli, debaixo da laranjeira em flôr, onde tantas vezes estiveram juntos, em colloquios intimos, por

ARGEMIRO MUNIZ
Uma das victimas dos successos de 18 de junho.

longas e luarentas noites de maio... Alli elles se beijaram como noivos queridos, como noivos queridos abraçaram-se, e a grande laranjeira em flôr foi a testemunha muda e unica dos abraços e beijos com que elles sellaram demoradamente aquella despedida... Foi ella, a grande laranjeira, a testemunha muda e unica daquelles amores, — muda e unica, porque alli não vinham passaros, não vinham passaros... O unico passaro era elle, o louro Ruy, que agora partia e lá se ia, mundo em fóra, em busca de louros e de glorias, nessas guerras terriveis aos inimigos das nobres raças... Foi alli, debaixo daquella grande laranjeira em flôr...

Elle fôra, demorára-se, parecera sumido... E, na sua ausencia, apparecera um rouxinol pelas immediações da casa della. Ah! rouxinóes! rouxinóes! Beirava-lhe o telhado, pousava na laranjeira em flôr e cantava, cantava... Ella bem o quizera enxotar, ás vezes... mas elle cantava... Ella o queria enxotar novamente e elle novamente cantava, cantava...

Cantava muito, cantava tanto, e o seu canto era tão suave, e a sua voz era tão doce... Ella bem o queria enxotar, mas ficava encantada, a scismar naquelle canto tão alegre, tão doce, tão divino, que parecia feito para consolo da sua tristeza, para balsamo da sua saudade! E o rouxinol, quando a via assim abstracta, a scismar, nostalgicamente, cantava mais, cantava ainda, dobrava o canto — e, emquanto cantava, ia beliscando as flôres perfumadas e brancas da grande e bella laranjeira em flôr. Beliscava, cantando.

Ella já o não enxotava, acostumára-se áquillo e talvez já lhe fizesse falta o canto do rouxinól... Entretanto, o pérfido ia cantando sempre, cantando e beliscando, beliscando e derrubando as flôres perfumadas e brancas da grande e bella laranjeira em flôr...

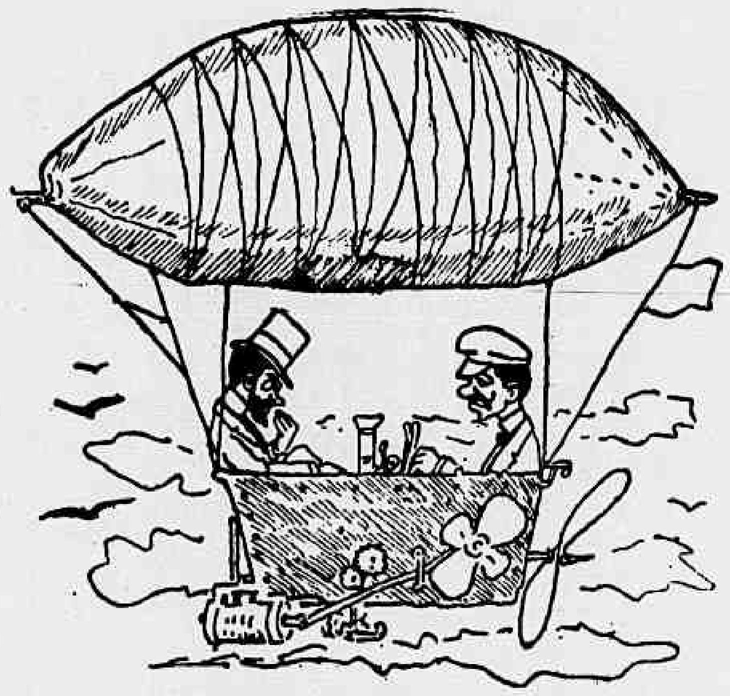
E quando o louro Ruy voltar, quando elle voltou, feliz e victorioso, dessas guerras terriveis aos inimigos das nobres raças — quando elle voltou e veiu abraçal a alli, debaixo da sua grande laranjeira em flôr, viu, com espanto e com odio, a sua pobre laranjeira despida... Que?! já não havia flôres? já não havia perfumes? Nada! Havia apenas um rouxinól que passára... já não havia flôres, já, não havia perfumes... Coitada da sua pobre laranjeira! Outr'ora a sua grande laranjeira em flôr. Agora... Já não havia flôres, já não havia flôres. .

J. Brito.

---

* Classificado em 7° logar no concurso do «Annuario Illustrado» do *Jornal do Brasil*.

PELOS ARES



— Então, que tal acha o meu invento?
— E' de se tirar o chapéo.

— E o vento é de tirar o chapéo...
!!!

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

Animaes illustres. — Em Inglaterra, diz *La Nature*, ha a mania de agraciar os animaes com medalhas e condecorações, como se fossem homens.

Assim, Lord Roberts, como toda a gente sabe, muito se distinguiu na campanha afghan. E o cavallo

ARISTÉA CAVALIERE
Actriz cantora do Colyseu Theatro.

tambem, e por forma tão brilhante que a rainha Victoria distinguiu o solipede com a Ordem de Cabul.

Na batalha de Alma, o cachorro Jack salvou a vida a um soldado britannico; em Inkermann atirou á agua uma porção de russos. Recebeu a Cruz Victoria, a medalha da Criméa e foi apresentado á Rainha.

Jerry, cachorro no 8° de hussards, recebeu uma recompensa menos illustre mas a que se mostrou muito sensivel: os burguezes de Dublin, depois de lhe haverem offerecido uma medalha, convidaram-no para jantar. Na campanha do Egypto, outro cachorro, Tiny, ferido numa das patas em Tel-el-kebir, recebeu a Estrella do Khediva e a medalha egypcia; Paddy, um fox-terrier, fez-se matar heroicamente na batalha de Abu-Klea. Tiny, menos feliz, foi esmagado por uma carruagem em 1896, em Aldershot.

Identico fim teve o mais illustre destes animaes, chamado Bob. Servia no 2° regimento do Royal Berkshire. Fez toda a guerra afghan e foi ferido em Maivand. A' volta, em 1879, a Rainha em pessoa lhe pendurou ao pescoço a medalha militar; e, tal qual Milciades depois de Marathona, o cachorro inglez foi retratado no meio dos seus companheiros de armas, no quadro celebre; os *Derradeiros combatentes de Maivand*.

CHRONICA DA ELEGANCIA

Paris, 13 de julho de 1901.

Um legislador sueco acaba de elaborar um projecto de lei, em virtude do qual nenhuma mulher poderá casar-se sem previo exame que prove estar habilitada em tudo quanto precisa saber uma boa dona de casa.

Os chronistas mundanos e as folhas illustradas acharam assumpto para alegres dissertações e póde-se dizer que o projecto acha-se fatalmente condemnado pelo ridiculo de toda a Europa.

Como quer que seja, entretanto, é mister reconhecer que o autor da idéa alvejou um ponto de transcendental importancia.

É certo que o exame, demonstrando tão somente uma certa somma de conhecimentos theoricos, nada vem provar numa questão toda pratica e experimental. Assim, póde-se perfeitamente conhecer todas as regras de economia domestica e não applical-as na vida commum.

O que é, porém, fóra de duvida é que as intenções salvam o que ha de manco e de imperfeito no projecto.

Se o caso não se póde regularisar na legislação de qualquer paiz, sirva ao menos essa lembrança para chamar a attenção de todas as mães de familias para tão importante assumpto.

A ellas cumpre dar ás filhas acuradas lições, theoricas e praticas, sobre a direcção economica da casa e de todas as materias que a isso se prendem.

E os noivos, que desejam acertar na sua escolha, que se encarreguem de fazer por si esse exame previo com que sonhou o legislador sueco.

Colinette.

CONTOS GALANTES

A Paquita era a mais linda rapariga dos arredores de Ronda, com uns olhos negros de entontecer um frade de pedra, um cabello capaz de a vestir dos pés á cabeça e um *salero* de pôr a ferver a mioleira menos esquentada. Arisca como só ella. « Um diabrete »! — dizia o velho cura num tom paternal onde transparecia uma pontinha de severidade.

A sua paixão era a liberdade, a campina larga, o espaço illimitado onde revôam á vontade as cotovias e fariscam, ligeirinhas, as arveloas. Aos quinze annos entendia tanto de ganaderias como seu pae e seu irmão Pepe e se apanhava uma aberta la ia ella para a leziria, esbelta e pimponaça, montando a cavallo como um homem e praticando verdadeiras temeridades com a manada.

A familia era pobre mas ia governando a vida com o producto de tres novilhos e dous touros de quatro annos que todos os verões vendiam aos emprezarios de corridas. Os bichos eram turunas, leves e atrevidos e não temiam confronto com os dos melhores criadores. Por isso, se aquella boa gente não nadava na abastança tambem não passava miseria.

Mas uma hespanhola, por mais sports que lhe dêm, fica sempre hespanhola; não se desnacionalisa nem á mão de Deus Padre. Ha de ser sempre uma creatura meiga, amoravel, simultaneamente paraiso e inferno para o homem que tiver a ventura ou a desgraça de possuil-a, porque não ha leôa mais perigosa para quem tentar atraiçoal-a.

E assim é que Paquita um bello dia deixou-se prender nas traças do Amor representado por um mocetão, o Paco Hernandez, filho do alcaide de Ronda, homem abastado e de principios austeros que sonhava para o filho quando menos um principado.

O velho não conhecia Paquita mas, escusado será dizer, que quando o filho lhe fallou na rapariga, filha de um pobre paisano cujo rendimento consistia apenas em tres novilhos e dous touros, apanhou um — « Não ! » — muito redondo acompanhado de sobrecenho tão significativo que o rapaz ficou como se tivesse um osso atravessado na garganta e não se atreveu a insistir.

Imaginem com que cara o Paco deu conta da embaixada á sua muito amada Paquita; mas muito maior foi o espanto do pretendente quando, em vez de um diluvio de lagrimas, viu assomar aos labios da rapariga um sorriso malicioso.

-- Então tu ainda por cima achas graça ?!...

— Cala-te, tonto. Não é com lamurias que vamos convencer teu pae.

-- Meu pae é um tyranno! — murmurou o *pobrecito*, todo varado pelo desalento.

— Diz-me uma cousa : teu pae não é doido por touradas ?

— E' a sua unica mania. A's vezes tenho até pena de não ser bezerro. Talvez elle me tratasse melhor.

— Pois então está tudo arranjado. Daqui a

ESTADO DO RIO DE JANEIRO — NICTHEROY — **Morro da Boa Viagem.** (Phot. de José G. Ribeiro).

quinze dias ha uma novilhada em Ronda. Meu pae fornece os novilhos. Vejas o que vires, faz-te de bôbo e deixa o caso por minha conta.

Quinze dias depois a praça publica de Ronda rego gitava de espectadores apinhados em cima de carripanas anti-diluvianas e carros de bois, escarranchados em mulas possantes e cavallinhos pequenos e nervosos, ou empoleirados nos telhados, nos lampeões, nas trincheiras que tapavam cuidadosamente as embocaduras das ruas. Na janella principal do *ayuntamiento* lá estava o alcaide, todo solemne, em um dos seus dias gloriosos e felizes. O caso não era para menos. Duplamente se sentia feliz no seu orgulho de autoridade e na paixão de afficionado. Alem da rapaziada do costume, annunciava-se um joven bandarilheiro *de verdade*, de quem se diziam maravilhas, amigo particular do fornecedor dos novilhos e que, a pedido deste, viera abrilhantar a festa.

O primeiro e segundo novilhos passaram sem grande enthusiasmo, até que no redondel irrompeu o terceiro, pequenino, negro, haste em lyra, de muito pé e carregando como um damnado.

Sahiu a recebel-o o amigo do *ganadero*. Era ainda um adolescente, guapo, guapo de mais até porque de todo elle se exhalava uma graça feminina de deixar toda a gente captiva.

Mas que artista! Nunca a pacata villa de Ronda presenciara espectaculo semelhante, tamanha ligeireza, graça tão felina, uma elegancia tão seductora nos movimentos, uma arte tão perfeita de evitar a fera, de furtar-se ás suas investidas, de brincar com o *cornupelo* como se fôra peteca.

Iam-se os olhos do alcaide no lidador gentil e quando elle, gentilmente, erguendo a *montera*, lhe offereceu a sorte de morte, os olhos do velhote ennevoaram-se e nem pôde ver bem a estocada final que, aqui para nós que ninguem nos ouve, foi simplesmente detestavel!

Terminára a funcção e entre ovações delirantes subiu o heroe ao *ayuntamiento*.

Paco, ao lado do alcaide, com os olhos muito esbugalhados tremia como varas verdes.

O velho, ao ver aproximar-se o *matador*, corou, gaguejou, tentou fallar mas, afinal, tomou o unico partido possivel e abriu os braços ao seu hospede

emquanto o povileu, na rua, não se cansava de gritar:

— Viva el matador! Viva « El Pequeno. »

— Que pena não me ter Deus concedido ao menos um filho como tu! — exclamou por fim o alcaide, enxugando os olhos, commovido!

Mas de repente o velho estremeceu, attonito, perplexo, bestialisado. A seus pés, Paco e o toureiro, de mãos dadas, olhavam-n'o com ar supplicante emquanto Paquita, com um sorriso meio gaiato meio medroso murmurava:

— Um filho é impossivel, mas porque não uma filha?!... Eu sou a *querida* de Paco!

. . . .

E já se deixa vêr, tiveram muitos filhos.

Bertholdo.

CURIOSIDADES

QUANDO a Rainha Victoria subiu ao throno, Melbourne, que é hoje a setima cidade do Imperio britannico, compunha-se apenas de quatorze choupanas.

— A adopção da bandeira nacional dos Estados Unidos data de 1777.

— Na Russia é obrigatorio o ensino do inglez nas escolas de commercio.

— Calcula-se que dentro de dez annos a Europa terá 780 milhões de habitantes.

— Os lamas da Patagonia e certas gazellas do Extremo Oriente passam a vida inteira sem beber uma só gotta d'agua.

— A primeira fabrica de agulhas que se estabeleceu na Inglaterra data do tempo da Rainha Maria.

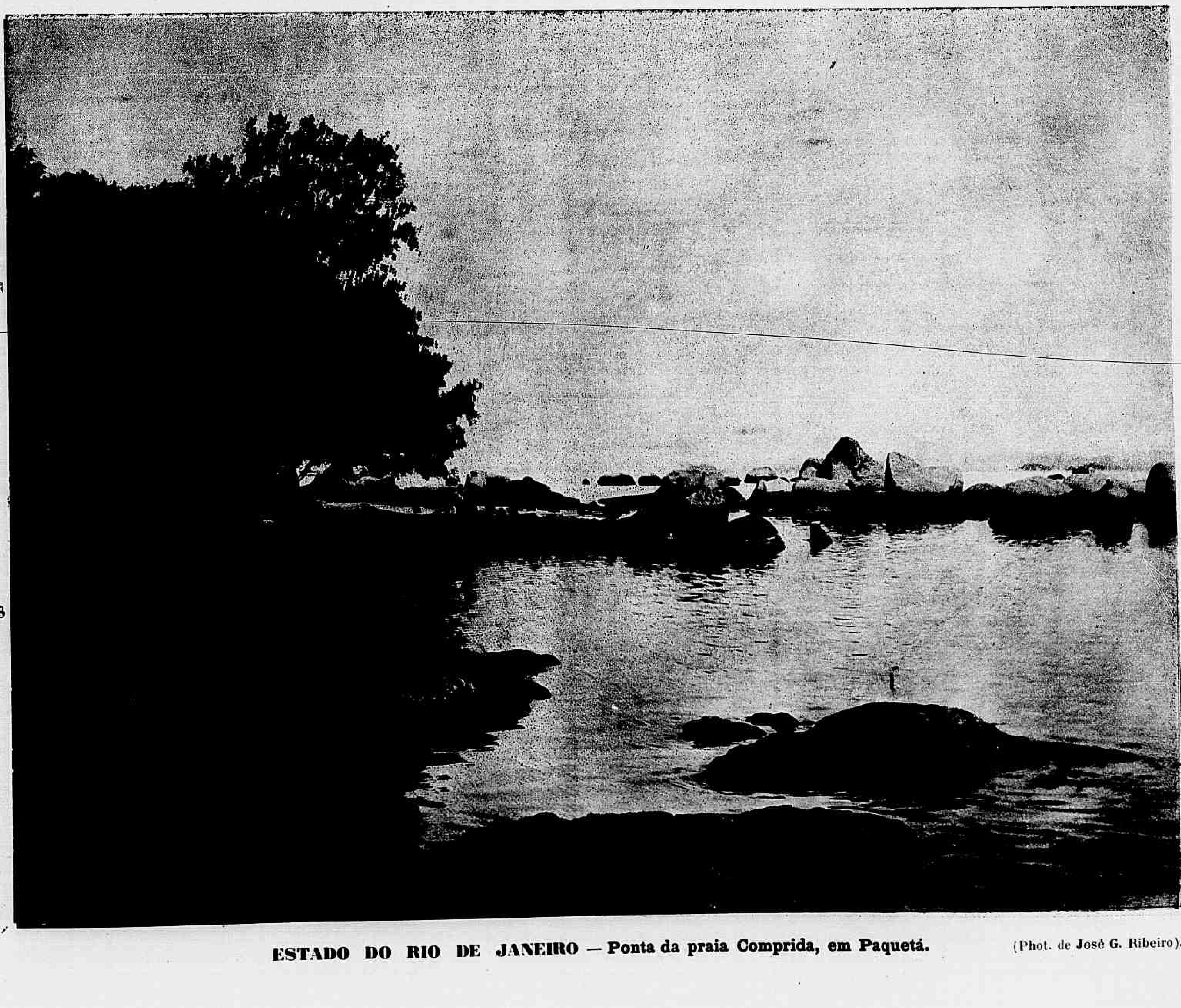
— Os canhões foram empregados pela primeira vez em 1338.

— O primeiro barco a vapor que atravessou o Atlantico foi, em 1818, o chamado *Sol Nascente*, de propriedade de lord Cokrane.

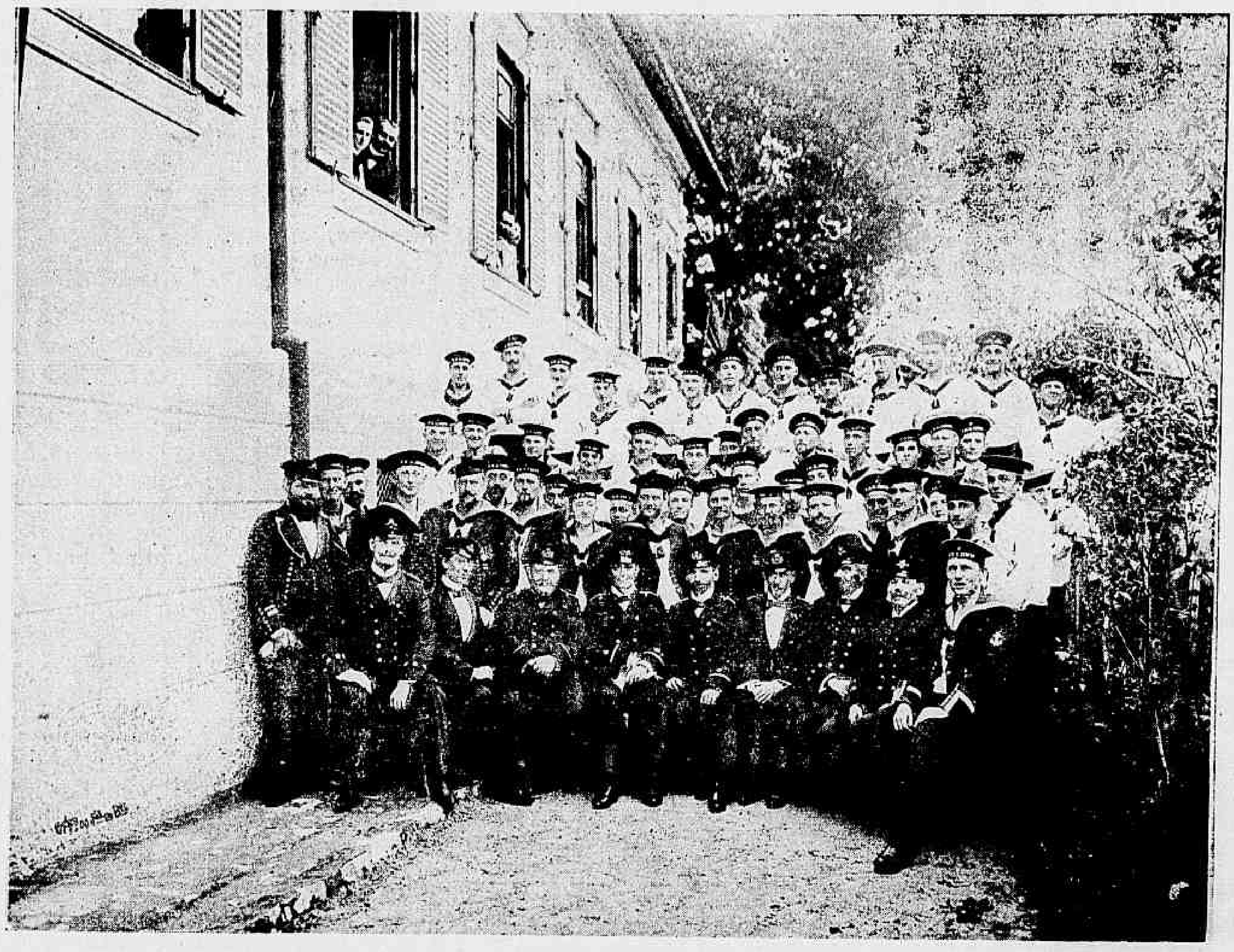
— A Allemanha não adoptou, como a Inglaterra, a França ou a Russia, um meridiano. Conta as suas longitudes, ora a partir da ilha de Ferro, ora a partir de Greenwich.

— Cada tonelada d'agua do Mar Morto contem 79 kilogrammas de sal marinho.

Y. Z.



ESTADO DO RIO DE JANEIRO — Ponta da praia Comprida, em Paquetá. (Phot. de José G. Ribeiro).



Garden-party realisada domingo ultimo no Sylvestre e offerecida pelo consul allemão á officialidade e alguns marinheiros do cruzador *Vineta*. (Phot. Marc Ferrez.)

AS NOSSAS GRAVURAS

Actualidade brasileira. — ISABEL A REDEMPTORA, Condessa d'Eu. Nasceu a 29 de julho de 1846. Por duas vezes assumiu a regencia do Imperio, havendo referendado as leis de 28 de setembro de 1871, denominada do ventre livre e a de 13 de maio de 1888, que aboliu a escravidão no Brasil.

Por ter ligado o seu nome a esses dous acontecimentos nacionaes o povo cognominou-a Isabel a Redemptora.

PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA MORTE DO REI HUMBERTO I. No dia 29 do corrente, ás 10 horas foi rezada, na egreja da Candelaria, uma missa em suffragio da alma do Rei Humberto I, mandada celebrar pelo sr. conde Rossi Toesca, encarregado de negocios da Italia.

A essa solemnidade, que foi enormemente concorrida, compareceram as primeiras autoridades civis e militares brasileiras e o corpo diplomatico.

A gravura que damos a respeito, foi tirada por occasião da sahida dos assistentes a essa missa.

BRIGUE «PIRAJÁ.» Essa photographia foi tirada quatro dias depois do encalhe do brigue *Pirajá*, por occasião da baixa mar. O brigue acha-se ao norte da barra de Aracajú, capital do Sergipe, com a prôa para terra.

Foi arrastado pelos ventos para cerca de cem kilometro de distancia do ponto em que se achava fundeado, por cima dos bancos que guarnecem esse lado da barra. A sua posição era tal que nos primeiros momentos de encalhe podia-se chegar até elle com agua até os joelhos,ou pouco acima.

CRUZADOR «VINETA.» Desde meiados do mez passado acha-se neste porto o bello cruzador allemão *Vineta*, do qual os jornaes desta cidade têm-se occupado longamente em mais de uma noticia. A gravura que publicamos representa um grupo tirado por occacião da festa offerecida pelo consul allemão á officialidade e alguns marinheiros do mesmo cruzador, no Sylvestre.

ARGEMIRO MUNIZ. E' uma das victimas dos successos de junho, motivados pelo augmento de passagens na Companhia de S. Christovão.

Esse menor, que tem como medico assistente o dr. Henrique Duque Estrada, deve ser operado por estes dias, afim de serem extrahidas as balas que ainda o conservam enfermo.

ESTADO DO RIO — Desse Estado publicamos duas bellas gravuras representando a ponta da Praia Comprida, em Paquetá e o poetico morro da Bôa Viagem, na cidade de Nictheroy.

ESTADO DO MARANHÃO — Apresentamos hoje aos leitores da *Revista da Semana* mais duas photopraphias daquelle Estado do Norte: o novo armazem da Alfandega e a fachada da grande Fabrica Manufactura, na florescente cidade de Caxias.

Essas photographias nos foram trazidas pelo deputado estadoal sr. Pereira Rego.

Os mortos da semana. — GENERAL REGO BARROS. A 28 do mez findo falleceu nesta cidade o general de divisão reformado João Baptista do Rego Barros Cavalcanti de Albuquerque.

Nasceu a 20 de janeiro de 1825, e assentou praça a 13 de julho de 1842.

Na sua longa carreira militar tomou parte em quasi todas as campanhas em que se empenhou o nosso exercito.

Commandou, em Matto Grosso, o 7º batalhão de infanteria, em 1888 e foi o primeiro presidente do Estado de Santa Catharina no actual regimem.

Ornavam o seu peito muitas medalhas, entre as quaes as concedidas pela Argentina e pelo Estado Oriental do Uruguay.

Foi reformado em general de divisão a 3 de fevereiro de 1890.

COMMENDADOR LUIZ BIVAR. Na avançada edade de 93 annos falleceu, a 20 do mez findo, o commendador Luiz Bivar.

Natural da Bahia, exerceu varios cargos publicos e, na imprensa, foi redactor de muitos jornaes já extinctos e de outros que ainda existem.

Fez, muitas vezes, parte da comitiva do finado Imperador D. Pedro II, em varias viagens deste pelo interior do paiz e na Europa.

Era primeiro official aposentado no ministerio da guerra e foi, durante algum tempo, chefe da redacção dos debates, no Senado onde, até os ultimos dias de sua vida, exerceu o cargo de auxiliar da mesma redacção.

DR. CARLOS ARTHUR MONCORVO DE FIGUEIREDO. No dia 25 do mez p. passado falleceu, nesta capital, este estimado medico, vantajosamente conhecido pela sua illustração e pelos relevantes serviços que prestou á sciencia e á caridade.

Nasceu nesta capital a 31 de agosto de 1846, bacharelou-se em letras no antigo Collegio Pedro II e doutorou-se em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1871.

O dr. Moncorvo era socio das mais importantes academias scientificas e foi um dos benemeritos fundadores da Polyclinica do Rio de Janeiro e do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia.

MODAS DA SEMANA — Ultimos figurinos

Todas as cartas dirigidas a esta redacção serão promptamente respondidas pela secção *Correspondencia* do *Jornal do Brasil*.

Novo armazem da Alfandega, em S. Luiz. **ESTADO DO MARANHÃO** Fabrica Manufactura, em Caxias.

RECREAÇÕES

As soluções dos problemas do nosso numero passado são as seguintes:

Da charada novissima, *Amoreira*; da charada neobisada, *Siba Sioba;* e da charada em paragoge, *Paca—Pacalo.*

Ilhéo, Vandorf, Tito Livio, Publio, Carmelita, Escossez e Tucano solveram todos esses problemas.

Vampiro, Marocas e Jeremias os dous primeiros; Consuelo, Anteco, dr. Sabido, Noemia B. e Pascacio os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

CHARADA ESMERALDINA (*Pintaralo*)

4—6—Um peixe moço.

CHARADA BISADA (*Tito Livio*)

3—2—Muito verme ve-se **NA** actualidade.

CHARADA DIVERGENTE (*Galatéa*)

2—2—O animal da serra trepa na planta fructifera.

TORNIQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 49

620.448.441.733.239.439.360.000

PROBLEMA N. 50

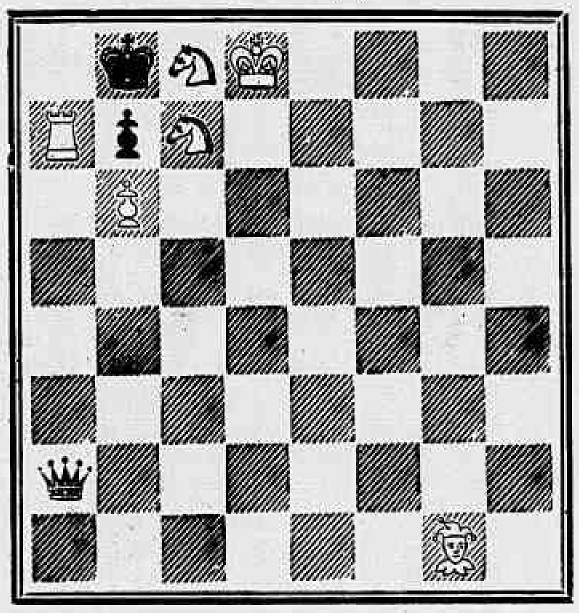
O que é de que quanto mais se tira maior fica!

Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 63 — G. N. CHENEY

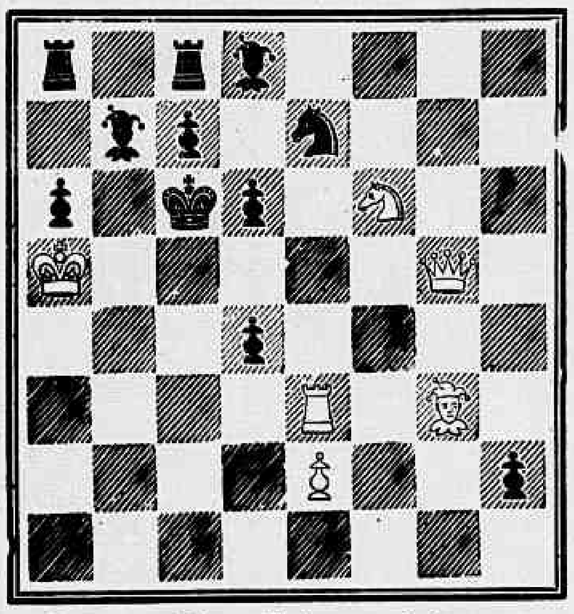
Pretas (3)



Brancas (6) — Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 64 — J. HINTZPETER

Pretas (11)



Brancas (6) — Mate em 3 lances

Solução do problema n. 61

1 C 6 B, C 5 R. 2 D 4 D x. etc
1 ......, R⨯C. 2. D 4 D. x. etc
1 ......, C⨯C. 2. D⨯P B. x. etc
1 ......, C 1 C. 2. T 8 D. x. etc.
1 ......, C 3 C. 2. C 6 D. x. etc
1 ......, R 5 R. 2. D 6 C. x. etc.
1 ......, C C R qualquer 2. D 4 B. etc
1 ......, P⨯P 2. C⨯C. etc
1 ......, P 4 R 2. C 6 D. etc.

Resolvido pelos srs. Silvano, Theo, Lafs, Alipio de Oliveira, Eug. Agostini, Salvio, Dr. C. L. e Jafeno.

Partida nº 17—(Gambito de Evans.)

Esta interessante partida, jogada a 26 do mez passado nesta capital, é mais um bello specimen do brilhantismo asual, que caracterisa o jogo do dr. Caldas Vianna. O seu contendor, o dr. José Piza, que nessa luta sustentou heroica defesa até o vigesimo nono lance, é um eximio amador, dos mais fortes da Paulicéa, onde residiu até bem pouco tempo, tendo, com muito successo, redigido durante alguns annos uma columna enxadristica no "Correio Paulistano".

	Brancas (Dr C. Vianna)	Pretas (Dr. J. Piza)		Brancas (Dr. C. Vianna)	Pretas (Dr. J. Piza)
1	P 4 R	P 4 R	16	P 4 B R	P 3 B R
2	C 3 B R	C 3 B D	17	B 5 B (c)	P 5 B D x. desc.
3	B 4 B D	B 4 B D	18	R 1 T	D 3 D
4	P 4 C D	B⨯P	19	P⨯C	P⨯B
5	P 3 B D	B 4 B	20	C⨯P	C⨯C
6	P 4 D	B 3 C (a)	21	B⨯C	T⨯T. x. (d.)
7	P⨯P	C R 2 R	22	B⨯T	D⨯P
8	B 5 C R	Roque	23	P⨯P	T⨯P
9	C D 2 D	D 1 R	24	P 6 D	T 3 B
10	Roque	C 3 C	25	D 5 D. x.	D 2 B
11	C 4 D (b)	C D⨯P	26	D 4 R	B 4 D
12	B 2 R	P 4 B D	27	B 3 D	D 3 C
13	D 5 B R	P 4 D	28	B 4 B x	R 1 T
14	C 6 D	D 3 R	29	T 1 BR!	B 3 B
15	C⨯B	T D⨯C	30	P 7 D.	abandonam.

(a) O lance classico é P⨯P.
(b) O pião é indefensavel.
(c) Era preferivel 17 P⨯C, P⨯B— 18. B 4 C, T⨯T x. 19. C⨯T ficando com a qualidade.
(d) Si 21: T⨯B, parecendo ganhar a peça, resultaria a seguinte combinação em beneficio das *Brancas*: 22. T⨯T x, R⨯T. 23 P⨯P T, D 3 T. 24. D⨯P etc.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54. « Secção de Xadrez ».

Heibas.

(49)

RAOUL DE NAVERY

OS IDOLOS

X

PROJECTOS DESMANCHADOS

— Xavier acha-se em estado de saúde bastante grave para que nos seja, senão facil, ao menos possivel obter que o guardem durante algum tempo, em uma prisão de Paris. Trabalharemos, depois, para obter um ultimo favor. A opinião ficou dividida a seu respeito: muitas pessoas consideram-no victima de um erro judiciario, A lei o feriu, mas póde abrandar-se na applicação da penalidade.

— Emquanto tratares dessas diligencias, por minha parte procurarei ver mlle. Pomereul.

— Coragem, disse Rénaut, com voz suave e quasi triste.

— Não é verdade, perguntou-lhe Benedicto, que temes a possibilidade de acontecer-me alguma desgraça?

— Mlle. Pomereul é um anjo, disse o advogado, temo que ella recuse associal-o d'aqui em diante á sua vida, para não inpor-lhe o peso de seus infortunios.

— Ah! esclamou Benedicto, ella não praticará essa crueldade contra mim.

— Quem lhe diz que ella soffrerá menos?

— A inquietação que te vejo mostrar a esse respeito corresponde bastante á minha propria angustia, para que eu não procure immediatamente saber a minha sorte Adeus, Leão; saberei esta mesma noite se o golpe que fere Xavier não me matará como a elle.

O esculptor sahiu e seguiu para o palacete Pomereul.

Seriam oito horas da noite.

Da rua da Chausée d'Antin não se via nenhuma janella aberta; este palacete, tão vasto e rico, parecia uma casa deshabitada.

Benedicto perguntou se mlle. Pomereul estava em casa, e com a resposta affirmativa do porteiro, subiu ao primeiro andar.

Foi Baptista que veiu abrir-lhe. Quando o moço pediu ao criado particular que se informasse se sua ama consentiria em recebel-o, o velho criado abanou a cabeça.

— Não acredito, senhor; a maneira de viver da senhora, assusta-me. Não chora, nem falla, Parece concentrar em si toda a sua força, mas ao mesmo tempo parece gelada; parece um phantasma errante na morada de um finado...

— Embora, disse Benedicto, é preciso que eu a veja.

O velho criado inclinou-se, abriu a Benedicto a porta da sala de visitas, e dirigiu-se para os aposentos particulares de Sabina.

A moça, sentada em uma cadeira de braços, lia attentamente o mais bello dos livros depois do *Evangelho*; procurava na *Imitação* a coragem necessaria para carregar a sua cruz.

Vestida de preto, com os cabellos arranjados sem arte, mas, tambem, sem desordem, branca como o marfim, e desolada como uma imagem da *Pietá*, Sabina parecia a estatua viva da dor.

Ouvindo pronunciar o nome do esculptor, a moça contentou-se em estender a mão, como se quizesse vedar-lhe a entrada do seu gabinete de trabalho; depois, levantando-se subitamente, com a expressão da resolução nos olhos:

— Talvez assim seja melhor! murmurou em voz baixa.

Em seguida, accrescentou, dirigindo-se a Baptista:

— Irei ter com o sr. Fougerais na sala de visitas.

(*Continúa*).

LA ACUMULATIVA
COMPANHIA ANONYMA
MUTUA DE ECONOMIAS
Autorisada por decreto de 15 de Junho de 1899, do Governo Argentino
e por decreto do Governo Federal de 19 de Novembro do 1900
Capital: 1.000.000 de PESOS ARGENTINOS
200-Maipú Esq. Cangallo.-Buenos Aires
Agencias nas principaes cidades das Republicas:
Oriental, Argentina,
Paraguay e nos Estados do Brasil
REPRESENTANTE GERAL
ALFREDO DE LA FUENTE
45 Rua Primeiro de Março 45
1º e 2º andares
RIO DE JANEIRO

A SUL AMERICA
é a mais importante
COMPANHIA DE SEGUROS
DE VIDA
Funccionando no Brasil
Possue fundos de garantia
Dinheiro realisado 6.700:000$000
Já emittiu seguros no valor de Rs. 85.000:000$000
Pagou por sinistros Rs. 2.000:000$000
Unica Companhia Brasileira que funcciona nas Republicas Argentina, Uruguay, Chile, Perú, Bolivia, Equador e Paraguay
SÉDE SOCIAL
56, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO

COMPANHIA
DE
LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL
SÉDE: CAPITAL FEDERAL
RUA NOVA DO OUVIDOR 29 e 29 A
Caixa do Correio n. 41
Endereço telegraphico — LOTERIAS
LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL
EXTRACÇÕES Á RUA S. JOSE' N. 92
HOJE sabbado 3 HOJE
ÁS 3 HORAS DA TARDE
N. 87 — 1ª
Novo plano premiando as dezenas e approximações até o 3º premio, os dous finaes e a terminação simples do 1º
50:000$000
Inteiros 6$000 — Oitavos 750 réis
Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de Camões & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946 e Luiz Velloso & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas direcções.
Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.
ATTENÇÃO — A venda cessa uma hora antes da marcada para a extracção.

O INVERNO

Á SAHIDA DO LYRICO

A FILHA DO CAPITALISTA — São engraçados, os bohemios !
O CAPITALISTA — São, por musica e separados de nós pela orchestra... para não nos poderem «morder».